

PROJETO TEMPO DE APRENDER: A ALFABETIZAÇÃO EM FOCO

Mônica de Souza Pereira¹
Francisca Elza Assunção Silva²
Prof.^a Dr.^a Isabelle de Luna Alencar Noronha³

RESUMO

O Programa Tempo de Aprender é uma política pública que objetiva a qualidade da alfabetização em escolas públicas do país através de ações desenvolvidas em formação pedagógica e acompanhamento das aprendizagens dos alunos. O trabalho é desenvolvido por Assistentes de Alfabetização selecionados em análise curricular pela Secretaria de Educação da cidade. Estes agentes atuarão de forma voluntária, sem vínculo empregatício. As ações por eles desenvolvidas apoiarão o professor das turmas de 1º ao 5º ano ajudando no processo de alfabetização para aqueles que ainda não dominam os símbolos gráficos e leitura. Estes devem participar do planejamento com a equipe de professores e coordenadores da escola, cumprir carga horária, controlar a frequência dos alunos e acompanhar o desenvolvimento da turma que auxilia, elaborar relatórios com as atividades e conteúdos ministrados durante todos os meses trabalhados para que sejam analisadas e validadas pelo coordenador ou diretor da escola. Concluída a análise, o assistente de alfabetização, pode, então, ser remunerado pelo seu trabalho. Durante os oito meses de atuação, resolvemos analisar o impacto que o programa pode trazer para a educação em benefício das crianças que apresentam atraso na aprendizagem, principalmente às turmas de 2º ao 5º ano. Também vamos abordar uma reflexão crítica sobre a forma como o programa é desenvolvido em termos de material pedagógico, estrutura física das escolas e apoio pedagógico, seja da coordenação, gestão, professores ou secretaria de educação. Para tanto, além do nosso envolvimento com a temática, realizaremos entrevistas com os outros assistentes para sabermos como eles desenvolveram seus trabalhos, quais são as suas angústias, pontos positivos ou negativos que devem ser aperfeiçoados para que haja maior êxito nos trabalhos desenvolvidos, bem como com os professores titulares de sala, diretores e coordenadores. Às nossas reflexões estão embasadas em autores como Emília Ferreiro, com destaque para a psicogênese da língua escrita, Magda Soares fundamentando alfabetização e letramento e Paulo Freire enfatizando a educação como meio de libertação para os oprimidos.

Palavras-chave: Alfabetização, Políticas Públicas, Gestão Escolar, Planejamento, Avaliação.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma abordagem sistemática para avaliar e aprimorar o programa de alfabetização implementado em uma escola de Ensino Fundamental em Juazeiro do Norte Ceará. A temática da investigação emergiu da nossa prática como participantes do Programa Tempo de Aprender na cidade de Juazeiro do Norte – CE. Este, foi instituído em 2020 pelo Ministério da Educação – MEC, como principal fruto da Política Nacional de Alfabetização

¹ Pós-graduanda do Curso de Gestão Escolar da Universidade Regional do Cariri - URCA, e Psicopedagogia pela CECAPE, monicasouza.martins@urca.br;

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri – URCA, elza.silva@urca.br.

³ Professora orientadora: Prof^ª Dra. em Educação – Universidade Regional do Cariri, URCA, isabelle.luna@urca.br.

(PNA). Sua finalidade é qualificar a alfabetização de todo o país nas escolas públicas. Para lograr êxito, o programa busca aperfeiçoar a qualidade do ensino por meio de formações para professores e gestores, por meio de pesquisas científicas. Dispõe de material e recursos adequados que devem trazer aprimoramento no acompanhamento da aprendizagem dos alunos de forma individual, valorizando os professores e gestores – isso é o que descreve o programa. Vale ressaltar ainda que o programa propõe ações estruturadas em quatro eixos⁴: 1. Formação continuada de professores; 2. Apoio pedagógico gerencial para a alfabetização; 3. Aprimoramento das avaliações da alfabetização; 4. Valorização dos profissionais da alfabetização.

O trabalho é desenvolvido por Assistentes de Alfabetização selecionados em análise curricular pela Secretaria de Educação da cidade. Estes agentes atuarão de forma voluntária, sem vínculo empregatício, entretanto há um valor a ser pago, quando os relatórios provenientes das ações por eles desenvolvidas, são validadas pela gestão. As ações se efetuavam no apoio ao professor das turmas de 1º ao 5º ano ajudando no processo de alfabetização daqueles que ainda não dominam os símbolos gráficos e leitura. Os agentes devem participar do planejamento com a equipe de professores e coordenadores da escola, cumprir carga horária, controlar a frequência dos alunos e acompanhar o desenvolvimento da turma que auxilia, elaborar relatórios com as atividades e conteúdos ministrados durante todos os meses trabalhados. Para que sejam analisadas e validadas pelo coordenador ou diretor da escola, dos relatórios emanam o pagamento. Dessa forma ressaltamos que, o fato de serem selecionados para tal trabalho não se efetiva num “vínculo empregatício” do agente com a Secretaria de Educação municipal, no entanto, após a entrega do relatório, eles recebem uma “pequena ajuda” por hora trabalhada que pode chegar até R\$ 1.200,00 mensal caso este tenha uma jornada de oito horas diárias. Estes agentes participam de formação com a Secretaria de Educação e tem a sua disposição a plataforma AVAMEC que é um ambiente virtual com cursos diversos, inclusive o de Alfabetização Baseada na Ciência – ABC, indicado para os assistentes do programa supracitado.

A partir dessas primeiras considerações, percebemos a relevância dessa temática que está presente em um grande número de estados e cidades no Brasil e perguntamos qual o impacto de tal política nas escolas?

⁴ Ver mais detalhes em: <https://alfabetizacao.mec.gov.br/tempo-de-aprender>.



https://alfabetizacao.mec.gov.br/tempo-de-aprender#para_professores

Nesse sentido tem-se que o desenvolvimento de pesquisas acerca das percepções sobre esse programa em uma escola ou cidade específica é de grande relevância não só para nós assistentes alfabetizadoras, mas para a própria instituição, professores titulares das turmas e Secretaria de Educação. É por meio dos resultados dos agentes que se pode perceber os avanços, impasses e necessidades de um grupo de educandos específico, que é plural, e merece ser tratado de forma singular, visto que cada educando tem suas particularidades e dificuldades de aprendizagem. O trabalho do agente é uma forma de apontar o que está bom e mais ainda o que necessita melhorar, inclusive em termos estruturais, pedagógicos, financeiros e de recursos educativos. Isso, não implica em desconsiderar o papel do docente responsável pela sala, mas, em potencializá-lo. Destarte também a importância de considerar a relação entre alfabetização, letramento, dificuldades de aprendizagem e transtornos no desenvolvimento educacional. Uma abordagem interdisciplinar, que integra teorias de diferentes campos, pode enriquecer práticas pedagógicas e criar ambientes educacionais mais inclusivos.

Em face destes esclarecimentos perguntamos: Quais são os resultados observados na aprendizagem dos alunos na escola em que atuamos como assistentes de alfabetização em Juazeiro do Norte - CE, em relação à eficácia do Programa de Alfabetização Tempo de Aprender?"

Buscamos coletar *feedback* dos professores, alunos e gestores para entender suas percepções sobre o programa. Por meio de uma abordagem interdisciplinar e baseada em evidências, a investigação buscou também, propor formas pelas quais os alunos possam se beneficiar de um programa mais eficaz e abrangente, equipando-os com as habilidades de leitura e escrita necessárias para uma aprendizagem mais duradoura ao longo da vida. Através da coleta de dados, análise cuidadosa e implementação de estratégias de melhoria, esperamos criar um ambiente de aprendizado ainda mais enriquecedor e eficaz.

Esta pesquisa baseia-se em uma revisão bibliográfica sistemática de obras de autores na área de alfabetização, letramento, dificuldades de aprendizagem e transtornos. A busca por

artigos acadêmicos, livros e ensaios foi conduzida em bases de dados relevantes, como, Google Scholar e bibliotecas acadêmicas.

Para a avaliação de desempenho dos alunos foram aplicadas avaliações padronizadas e avaliações individuais para observar o nível de alfabetização dos alunos. Comparamos os resultados com metas de aprendizado estabelecidas para cada estágio de desenvolvimento. Fizemos observação em sala de aula para identificação de práticas eficazes e percepção dos desafios enfrentados pelos educadores.

Em seguida, realizamos entrevistas individuais com os professores titulares alfabetizadores da escola em questão para coletar informações sobre suas percepções dos resultados de aprendizagem dos alunos e sugestões de melhorias. Com base nos dados coletados, os resultados foram analisados para identificar pontos fortes e fracos do programa de alfabetização. Fizemos um comparativo entre os diagnósticos iniciais e finais dos alunos, bem como avaliações periódicas de caráter formativa.

Resultados

O artigo está disposto em três seções. Na primeira, exploramos os conceitos de Alfabetização, Letramento e Interação entre dificuldades de aprendizagem e transtornos. Na seção 2, trouxemos as discussões e resultados. E na seção 3, encerramos com as considerações sobre toda a pesquisa em questão.

ALFABETIZAÇÃO: A JORNADA PARA A COMPETÊNCIA LITERÁRIA

Alfabetização e letramento são dois conceitos fundamentais no processo educacional, desempenhando papéis essenciais no desenvolvimento cognitivo e social dos indivíduos. Enquanto a alfabetização refere-se à aquisição das habilidades básicas de decodificação e compreensão da linguagem escrita, o letramento vai além, abrangendo a capacidade de utilizar de forma crítica e eficaz essas habilidades em diferentes contextos e situações da vida cotidiana.

A alfabetização começa com o domínio das relações entre os sons da fala e os símbolos gráficos, permitindo que as crianças associem letras a sons e formem palavras. No entanto, o processo de alfabetização não se limita a decodificar palavras, mas também envolve a compreensão do significado que elas trazem como afirma Magda Soares,

Sem dúvida, a alfabetização é um processo de representação de fonemas e grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão

de significados por meio do código escrito. Não se considera “alfabetizada” uma pessoa que fosse apenas capaz de codificar símbolos visuais em símbolos sonoros, “lendo”, por exemplo, sílabas ou palavras isoladas, como também não se considera “alfabetizada” uma pessoa incapaz de, por exemplo, usar adequadamente o sistema ortográfico de sua língua, ao expressar-se por escrito. (Magda Soares, 2021, p. 17-18).

A etapa inicial de alfabetização é fundamental, pois estabelece as bases para a comunicação escrita e a exploração posterior do conhecimento. A alfabetização, tradicionalmente definida como a habilidade de decodificar e codificar a linguagem escrita, tem sido extensivamente estudada por pesquisadores e educadores.

Emília Ferreiro, revolucionou a compreensão da aquisição da linguagem escrita ao destacar como as crianças constroem ativamente seus conhecimentos alfabéticos que acontece antes mesmo de chegar aos espaços escolares, pois

A alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária. (Ferreiro, 1999, p.47).

Nesta perspectiva, a alfabetização e letramento não são apenas habilidades isoladas, mas sim processos interligados que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento educacional, cultural e social de um indivíduo. Ao compreender a importância tanto da aquisição das habilidades básicas de linguagem escrita quanto da aplicação destas habilidades de maneira significativa, podendo se criar um ambiente educacional que promova a capacitação e o sucesso ao longo da vida.

Neste contexto, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), enfatizam que a alfabetização se dá por meio de estágios, conceitos que implicam na educação moderna como forma de avaliar e acompanhar a aprendizagem e habilidade do educando para garantir que cada indivíduo possa participar plenamente e de forma enriquecedora na sociedade letrada.

Alfabetização: Estágios de desenvolvimento e desafios

Além das contribuições teóricas que delineiam os conceitos de alfabetização e letramento, também é importante considerar os estágios pelos quais os indivíduos passam durante o processo de aquisição da linguagem escrita. Esses estágios revelam a forma como as crianças constroem seu conhecimento sobre a escrita, passando por etapas distintas: Pré-

silábico: As crianças não compreendem que as letras representam sons individuais da fala. Elas podem atribuir símbolos gráficos a conceitos visuais, como a forma geral das palavras. Silábico: Aqui, as crianças começam a associar símbolos gráficos a partes sonoras das palavras. Elas entendem que as palavras são compostas por sílabas e tentam representar cada sílaba com uma letra correspondente. Silábico-alfabético: Neste nível, há uma compreensão mais avançada das relações entre letras e sons. Elas podem usar combinações de letras para representar sílabas, mas nem sempre de forma consistente ou correta. Alfabético: À medida que avançam para esse estágio, as crianças começam a entender a correspondência direta entre letras e sons. Elas são capazes de decodificar palavras de forma mais precisa e começam a ler com maior fluência. Ortográfico: No estágio ortográfico, as crianças desenvolvem uma compreensão mais profunda das regras ortográficas da língua. Elas reconhecem padrões e exceções na escrita, aprimorando sua capacidade de compreender e produzir textos mais complexos.

É importante ressaltar que esses estágios não são rígidos nem ocorrem de maneira linear para todas as crianças. Compreender esses estágios ajuda educadores a adaptar suas abordagens de ensino e a oferecer suporte adequado às crianças em diferentes momentos de seu desenvolvimento de alfabetização.

Portanto, ao considerar tanto as teorias conceituais quanto os estágios práticos da alfabetização, os educadores podem construir abordagens educacionais mais eficazes, promovendo uma base sólida de competência em leitura e escrita, juntamente com as habilidades críticas necessárias para uma participação significativa na sociedade contemporânea.

LETRAMENTO: AMPLIANDO O HORIZONTE ALFABETIZADOR

Já o letramento, um termo cunhado por Mary Kato (1986), em "No Mundo da Escrita", transcende a alfabetização ao enfatizar a capacidade de compreender, analisar e interpretar textos de maneira crítica. Autores como Magda Soares, em "Letramento: um tema em três gêneros", aprofundaram essa ideia, discutindo os diferentes aspectos do letramento funcional, crítico e cultural. Essa perspectiva ampla considera a interação entre os indivíduos e o contexto social, reconhecendo que a competência de leitura e escrita é moldada por fatores culturais, econômicos e políticos. Ele abrange a compreensão crítica e reflexiva do conteúdo escrito, permitindo que os indivíduos analisem, interpretem e avaliem informações de maneira informada e discernente. O letramento capacita as pessoas a participarem ativamente na

sociedade, engajando-se em discussões, tomando decisões embasadas e enfrentando os desafios complexos do mundo contemporâneo.

De acordo com Paulo Freire, o letramento não é apenas uma habilidade técnica, mas uma ferramenta de empoderamento, permitindo que os indivíduos compreendam e transformem sua realidade.

Isto porque a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Adernais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. Paulo Freire reafirma a necessidade de que educadores e educandos se posicionem criticamente ao vivenciarem a educação, superando as posturas ingênuas ou “astutas”, negando de vez a pretensa neutralidade da educação (Freire, 1989, p. 7).

Isso ressalta a importância do letramento crítico, que capacita as pessoas a questionar informações, discernir viés e tomar decisões informadas, pois

Para que a alfabetização não seja puramente mecânica e assunto só de memória, é preciso conduzir os adultos a conscientizar-se primeiro, para que logo se alfabetizem a si mesmos. Conseqüentemente, este método – na medida em que ajuda o homem a aprofundar a consciência de sua problemática e de sua condição de pessoa e, portanto, de sujeito – converte-se para ele em caminho de opção. Neste momento, o homem se politizará a si mesmo (Freire, 1979, p.26).

Portanto, a compreensão aprofundada tanto da alfabetização quanto do letramento é essencial para aprimorar as práticas educacionais. A abordagem integrada desses conceitos, considerando suas dimensões culturais, sociais e tecnológicas, oferece uma base sólida para preparar os indivíduos não apenas como leitores e escritores competentes, mas como cidadãos críticos e engajados em um mundo cada vez mais complexo e diversificado.

INTERAÇÕES ENTRE DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E TRANSTORNOS

A relação entre alfabetização, letramento e dificuldades de aprendizagem, bem como transtornos relacionados, é um aspecto fundamental a ser considerado no contexto educacional. As dificuldades de aprendizagem podem impactar significativamente a aquisição da linguagem escrita e a compreensão textual, interferindo no processo de alfabetização e letramento.

E isto pode fazer com que muitas crianças não compreendam o sentido e o significado daquele conjunto de regras que podem lhe ser muito estranhas e se chocarem com sua cultura social e familiar e com suas condições socioeconômicas. Portanto, a criança não consegue “se encaixar” no processo de escolarização apresentado, levando-a a apresentar dificuldades para entender a função social da escrita em sua vida e, como consequência, a não se apropriar da cultura letrada. (Seabra, 2020, p. 9)

Nesse contexto, para que a aprendizagem seja eficaz, faz-se necessário entender que “Os alunos com necessidades educativas especiais têm necessidade de um programa educativo adaptado às necessidades, desenvolvido junto dos seus colegas com a mesma idade, na escola de todos”. (Sanches, 2005, p. 136). Dessa forma, é importante que o mediador proporcione situações que promovam interação do aluno com o meio, tornando-o protagonista em seu processo de aprendizagem no ambiente escolar.

Indivíduos com transtornos específicos de aprendizagem, como a dislexia, por exemplo, enfrentam desafios na decodificação precisa das palavras, o que afeta diretamente o desenvolvimento da alfabetização. A dislexia pode dificultar a correspondência entre letras e sons, tornando a leitura lenta e laboriosa. Isso pode prejudicar a fluência na leitura e a compreensão de textos, afetando também a capacidade de letramento crítico, já que a atenção é desviada para a decodificação em vez da compreensão do conteúdo.

Além disso, as dificuldades de aprendizagem podem também impactar os diferentes estágios da alfabetização, fazendo com que as crianças permaneçam em estágios iniciais por mais tempo do que o esperado. Isso pode levar a uma frustração crescente e à perda de confiança nas habilidades de leitura e escrita.

Por outro lado, os transtornos do espectro autista (TEA) podem trazer desafios para a compreensão da linguagem e da comunicação social. Isso pode afetar a compreensão de instruções, a interpretação de nuances e a capacidade de se engajar em discussões escritas, dificultando assim a participação plena no letramento social.

É primordial que educadores e profissionais da área de saúde trabalhem em conjunto para identificar e apoiar alunos com dificuldades de aprendizagem e transtornos, proporcionando intervenções específicas para atender às suas necessidades. Estratégias de ensino diferenciadas, apoio individualizado e recursos adaptados são essenciais para ajudar esses alunos a superar os obstáculos e desenvolver suas habilidades de alfabetização e letramento.

Portanto, considerar as dificuldades de aprendizagem e os transtornos no contexto da alfabetização e do letramento é fundamental para criar ambientes educacionais inclusivos e

equitativos, onde todos os alunos tenham a oportunidade de desenvolver suas habilidades de maneira eficaz e significativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar os dados coletados por meio do questionário feito com os professores regentes de Língua Portuguesa das turmas de 1º ao 5º ano, o qual buscamos conhecer os resultados de aprendizagem dos alunos após o programa Tempo de Aprender, pudemos perceber a partir da fala das professoras, basicamente as mesmas conclusões e observações em relação ao programa como um todo, a aprendizagem do aluno, o relacionamento entre a equipe de assistentes alfabetizadores com os professores regentes e a gestão pedagógica tem o papel de, junto com a secretaria de educação do município, buscar soluções para a eficácia do ensino-aprendizagem escolar, e, isto tem sido feito de forma constante.

Assim, a visão a respeito do programa Tempo de Aprender é bastante satisfatória, visto que as professoras entendem ser um projeto pertinente que trouxe bons resultados diante da enorme lacuna na alfabetização das crianças na escola em questão, pois “é um suporte a mais que nós professores temos, ou seja, é uma atenção individualizada para as crianças” (professora regente).

No entanto, elas ressaltam a lentidão da implementação desse projeto, já que as carências são percebidas pelas mesmas desde o início do ano com a avaliação diagnóstica. O grande problema é que só há de fato o direcionamento dos profissionais alfabetizadores após a Secretaria de Educação enviar um instrumental que deve ser aplicado nas turmas para verificar o nível de aprendizagem que as mesmas se encontram. Com os resultados obtidos é que começa a movimentação através de processo seletivo de voluntários que serão divididos em salas vulneráveis e não vulneráveis (alunos com maior e menor grau de dificuldade, respectivamente). Ainda há a questão de que o programa chega “de qualquer jeito”, como cita uma das professoras. “Incomoda-me o fato de que o programa chega de “qualquer jeito” e há uma certa demora para que ele comece, já que o município tem conhecimento das dificuldades dos alunos da rede” (Professora regente).

Quanto à aprendizagem, há o consenso de que as turmas são heterogêneas e os alunos apresentam dificuldades de aprendizagem singular, dessa forma faz-se necessário a busca por estratégias que supram as dificuldades encontradas, inclusive pelos alunos que apresentam algum tipo de deficiência ou transtorno já que os livros fogem à realidade dos alunos e os materiais, no geral, são pouco atrativos.

Além das questões acima apresentadas, outro desafio apontado por elas é “a ausência do compromisso da família com o processo de aprendizagem das crianças, bem como, a falta de interesse do próprio aluno em aprender”, o que se dá por diversos fatores, sejam eles de desmotivação, econômico ou emocional.

Apesar dos impasses encontrados em sala de aula, pôde-se verificar significativa evolução em todas as turmas atendidas pelos assistentes alfabetizadores, conforme as falas das professoras entrevistadas. Suas conclusões foram feitas por meio de atividades avaliativas como testes de leitura e escrita ao longo do ano no qual percebiam os avanços como declara as professoras.

A coleta acontece através de observações dos avanços e dificuldades de cada criança, bem como, a partir do instrumental de leitura e escrita feito bimestralmente.

O feedback acontece através das resoluções de atividade no quadro, oralmente, nas avaliações escritas e na conversa com eles.

O bom relacionamento e o diálogo em qualquer espaço são primordiais para que o ambiente seja harmonioso e automaticamente traga benefícios diversos aos envolvidos. No contexto escolar, o grupo deve estar em comunhão de ideias para desenvolverem seus trabalhos e alcançarem seus objetivos, no entanto nem sempre isso é possível de acontecer.

Em relação a escola estudada, um dos pontos abordados foi a falha de comunicação entre os gestores e docentes da própria escola e assistentes alfabetizadores, aspecto apontado pelas professoras.

Como não há um contato direto (institucionalizado), minha sugestão é a respeito disso. Acredito que para uma colaboração mútua, a escola/município necessita organizar momentos em que os agentes alfabetizadores e nós, possamos sentar, conversar, sugerir e contribuir mesmo com a correria do dia-a-dia.

O que mais me incomodou foi ver a falta de comunicação entre o assistente e o professor regente. Visto que, a eficácia do programa só acontece quando o planejamento coletivo é a base da prática pedagógica.

Dessa forma, também reforça a percepção de todos os assistentes, por ser um dos pontos dos quais destacamos devido à falta de interação e do contato mínimo entre ambos, o que poderia ser sanado ao propiciar momentos para dialogarmos com as professoras, pois em dia de planejamento de forma rápida tratamos do mínimo sobre os conteúdos a serem estudados e depois nos debruçamos a pesquisar atividades e providenciar recursos pedagógicos.

Além das questões apresentadas, há a inclusão de outros projetos que paralelamente atuam nas escolas da cidade estudada. São projetos que visam reforçar o aumento das notas nas avaliações externas, com isso ocorre o que chamamos de treino pré-prova. Os professores trabalham alguns assuntos, mas a indicação é que ensinem e busquem fazer com que os alunos saibam marcar as alternativas corretas. Isso fez com que o tempo dedicado à alfabetização fosse reduzido em praticamente 50% por alguns meses. Depois mudou-se a forma de abordagem a qual deveríamos trabalhar apenas com os 2º e 5º anos. Além de que fomos obrigados a trabalhar conteúdos de Matemática.

Sem salas específicas, sem materiais, pouco diálogo e desvalorização dos agentes, o projeto, que tem uma proposta rica, deixa muito a desejar na prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar o impacto que o programa pode trazer para a educação em apoio às crianças que apresentam atraso na aprendizagem no processo de alfabetização. Neste contexto também nos levou a abordar uma reflexão crítica sobre a forma como o programa é desenvolvido e como são (não)ofertados os recursos pedagógicos, estrutura física das escolas e apoio pedagógico, seja do núcleo gestor, do corpo docente ou da Secretaria de Educação.

Com base nos relatos, conclui-se que, o programa de fato é satisfatório na aprendizagem dos discentes, isso mostra o quanto o trabalho desenvolvido pelos assistentes contribui significativamente no avanço dos alunos, apesar da insuficiência de recursos pedagógicos oferecidos por parte da escola, havia a disponibilidade das atividades impressas; em relação aos espaços necessita-se de adaptações adequadas, pois os espaços ao ar livre tendem a deixar os alunos(as) dispersos(as) uma problemática enfrentada no início do programa pelos alfabetizadores ao atuarem na escola, levando em consideração a importância da Secretaria de Educação promover mais encontros formativos, divulgação e esclarecimentos sobre o programa aos gestores, coordenadores e docentes para juntos com os alfabetizadores desenvolver um trabalho ainda mais eficaz.

REFERÊNCIAS

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.

BAPTISTA, C. R. *et al.* Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire/Paulo Freire; [tradução de Kátia de Melo e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita**: Uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

SANCHES, Isabel. **Compreender, Agir, Mudar, Incluir**: Da investigação-ação é Educação Inclusiva. Revista Lusófona de Educação (2005, 5, 127-142). Campo Grande, 2005.

SEABRA, Magno Alexon Bezerra. **Distúrbios e Transtornos de Aprendizagem**: Aspectos teóricos, metodológicos e educacionais [recurso eletrônico]. Editora: Bagai. 1 ed. – Curitiba, PR: Bagai, 2020. Acesso em: 15 de set. 2023. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/584716/2/Editora%20BAGAI%20-%20Dist%C3%BArbios%20e%20Transtornos%20de%20Aprendizagem.pdf>.

Questionário para Professores:

Como você avalia a eficácia do programa de alfabetização em relação ao progresso dos alunos?

Quais abordagens pedagógicas você considera mais bem-sucedidas ao ensinar habilidades de leitura e escrita?

Você já identificou alunos que enfrentam dificuldades específicas na alfabetização? Como você os apoia?

Quais são os principais desafios que você encontra ao ensinar alfabetização?

Como você incorpora estratégias diferenciadas para atender às necessidades individuais dos alunos?

Você sente que os materiais didáticos atuais são adequados e eficazes? Por quê?

Como você coleta feedback dos alunos sobre o programa de alfabetização?

Que sugestões você tem para aprimorar o programa e as práticas de ensino?